

MORAES, Patricia Canabarro Coelho de ¹

MARTELLI, Andréa ²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

A NOÇÃO DE “MULHER” VIA IMPRENSA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PUBLICAÇÕES DO “JORNAL DAS MOÇAS”

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo compreender a noção de gênero e imaginário feminino do século XX, a partir de análises realizadas nas publicações presentes no Jornal das Moças, observando assim, as permanências e mudanças entre os séculos XX e XXI, com base em leituras de autores e autoras que estudam a temática. Destacando que as revistas do século XX influenciavam a manutenção de comportamentos estereotipados, ratificando a separação entre os gêneros e reforçando os papéis femininos como mãe, esposa e dama na sociedade. Na transição entre os séculos XX e XXI, a mulher enfrentou muitas lutas para alcançar a igualdade social, conseguiu inserir-se no mercado de trabalho, na política, conquistou mais liberdade nos relacionamentos, entre outros. No entanto, muitas mulheres, ainda, encontram-se em situação desproporcional em relação ao homem na sociedade atual. Não desconsideramos os avanços entre os gêneros, mas parte da sociedade permanece fundamentada no conservadorismo e patriarcado do século XX, que dificultam as relações e perpetuam as desigualdades.

Palavras-chave: Gênero; Jornal das Moças; Mulher; Imaginário.

APONTAMENTOS INICIAIS

O presente trabalho busca compreender a noção de gênero e imaginário feminino presentes no século XX, com base nos conteúdos apresentados nas revistas femininas da época, em específico nas publicações presentes no Jornal das Moças, selecionando algumas seções que apresentavam conteúdos sobre o comportamento, a vida social e conjugal da mulher brasileira daquele período.

Nosso texto fundamenta-se na noção de imaginário como a relação entre as intimações objetivas e a subjetividade. As intimações objetivas são os limites que as sociedades impõem a cada ser. Relação, portanto, entre as coerções sociais e a subjetividade. Há sempre um vaivém entre as intimações objetivas e a subjetividade

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: patriciacanabarro@hotmail.com

² Docente do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: andreamartelli72@hotmail.com

Realização:

Apoio:



(MAFFESOLI, 2001). Nesse movimento, os gêneros masculino e feminino são construídos e vivenciados.

A escolha pelo “Jornal das Moças” como fonte documental deve-se a uma publicação veiculada no ano de 2015 em uma rede social, que nos chamou a atenção pelo conteúdo que reforçava o pensamento machista em forma de conselhos de comportamento feminino. Esta teve grande repercussão com 5,1 mil curtidas, 7.303 compartilhamentos e 1,9 mil comentários. O conteúdo apresentado se referia ao modelo de “mulher ideal” nas décadas de 50 e 60 do século XX, com temas relacionados à felicidade conjugal fundamentados no machismo, reforçando a submissão da mulher, mãe e esposa daquele período.

A temática apresenta grande relevância, pois é necessário analisar as relações de gênero considerando as mudanças sociais ocorridas, para que possamos compreender a noção de gênero e imaginário feminino no século XX e XXI. Pertencente a uma sociedade patriarcal que apontava a sua inferioridade em relação ao homem, as mulheres tiveram que percorrer um longo caminho, no sentido de mostrar que ela e o homem se diferenciavam pela questão biológica, o sexo, mas que isto não os tornava seres inferiores ou superiores em relação ao outro.

As expectativas sociais diante de cada gênero foram construídas no decorrer do tempo criando padrões específicos de comportamento e, estes precisam ser desconstruídos, uma vez que a mulher está conseguindo relações mais igualitárias. Apesar das mudanças e vitórias alcançadas no século passado, ainda no século XXI, a mulher encontra muitos desafios e sofre com essa diferenciação de gênero, precisando ratificar recorrentemente que a diferença é biológica.

Utilizamos para a análise o jornal (fonte primária) com 51 anos de edição, publicações semanais, cujas foram entre os anos de 1914 a 1965. Foram realizados alguns recortes, selecionando publicações que abordam a temática referente a esta pesquisa. Assim, através de uma análise dentre as várias seções do jornal, foi observado que a maioria das publicações encontravam-se presente nas seções denominadas “Evangelho das Mães” e “Vida no lar”, as quais apresentavam assuntos relacionados às formas de comportamentos de mulher, mãe e esposa idealizadas no período.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Nossa revisão bibliográfica foi por pesquisa qualitativa, fundamentamo-nos em Beauvoir (2008), Louro (1987), Priori (2010), Soihet (1997), dentre outros e outras. Nessa perspectiva realizamos uma articulação entre as publicações do jornal e a fundamentação teórica, compreendendo assim, a noção de gênero e imaginário feminino, bem como as permanências e mudanças relacionadas à noção de mulher presente entre os séculos XX e XXI.

O JORNAL DAS MOÇAS E A NOÇÃO DE MULHER DA ÉPOCA

O Jornal das moças foi criado no século XX, entre os anos de 1964 a 1968, produzido no estado do Rio de Janeiro e distribuído em todo país. Circulava semanalmente, sendo vendido em bancas ou entregue pelo correio aos assinantes. Denominado como “revista semanal ilustrada”, possuía em média 75 páginas, apresentando um conteúdo diversificado com informações sobre culinária, dicas de beleza, moda, comportamento, anúncios de produtos, entre outros, com ilustrações, fotos e textos. Voltado especificamente ao público feminino, principalmente, às mulheres de classe média, pois apresentava um custo para sua aquisição, e a maioria era letrada, restringindo assim, o acesso à classe inferior.

Segundo Soares e Silva (2013), esse periódico dividia-se em seções abordando temáticas diferentes, também chamado de “Jornal da Mulher”, direcionava-se às mulheres do lar, com conselhos sobre moda, beleza, comportamentos, culinária, cinema, entre outros.

O Jornal das Moças não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos, receitas gastronômicas. **E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher,** o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação (SOARES; SILVA, 2013, p.2, grifo nosso).

Realização:



Apoio:



Os conteúdos presentes no jornal reforçavam, recorrentemente, os valores morais da família tradicional da época de sua circulação, referindo-se a modelos conservadores que eram sugeridos as suas leitoras.

Jornal das Moças faz questão de manter-se dentro dos “limites da moral e dos bons costumes”, estar sempre de acordo com “bom senso”, claramente a favor da “família estável”, considera que a prioridade da vida feminina deve ser o lar. A revista não faz distinções de classe, como se os modelos veiculados pairassem acima das diferenças sociais. Procura veicular valores morais conservadores e manter as relações de gênero nos moldes tradicionais; seu discurso é quase que homogêneo, não comportando grandes transformações no decorrer do tempo (BASSANEZI, 2005, p.113).

No excerto acima, fica evidente que haviam limites para a mulher, uma vez que seu comportamento influenciava diretamente a constituição de uma família nos padrões normativos. As proposições à mulher conservavam um cunho judicativo, no sentido, de bom ou mau comportamento, colocando sob seus ombros a responsabilidade de um lar feliz, harmonioso e equilibrado. Evidenciando trechos que sugerem formas de comportamento relacionados à mulher – mãe – esposa, na época de circulação do jornal.

As seções analisadas apresentavam conteúdos diversificados: cuidado com os filhos, gestação, alimentação, comportamento, educação e saúde, dicas de como ser mãe, mulher e esposa naquela sociedade. Nessas seções encontramos trechos de autores que falavam do assunto, citadas em forma de frases, histórias, piadas, etc., como exemplo, a citação de Ramalho Ortigão que ressalta o papel da mulher:

A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana **não é ser doutora, telegrafista, boticária, comerciária, jornalista, etc.: é ser mãe e esposa.** - Ramalho Ortigão (JORNAL DAS MOÇAS - Evangelho das Mães, 26/01/1950, p.81, grifo nosso).

O destaque da citação nos leva a compreender como o papel da mulher resumia-se à maternidade, ou seja, essa não era uma opção e, sim, sua função exclusiva. Com o advento da pílula moderna nos anos 1960, muitas mulheres adquirem o controle sob o seu corpo, podendo ou não viver a maternidade e adiá-la para quando lhe fosse mais conveniente, em outras palavras, esse controle não é

Realização:



Apoio:



mais exercido somente pelo homem. Nesse contexto, o prazer torna-se possível como possibilidade da sexualidade.

Uma questão encontrada nas publicações é a necessidade de se ter um filho, depois do casamento é claro, pois a “mãe solteira” era mal vista na sociedade e sofria preconceito, como ainda sofre atualmente. Assim, segundo trecho obtido no jornal “Uma mulher sem filhos não pode ser feliz: amar não é nada, é necessário que o amor seja bendito”. – E. Zola (JORNAL DAS MOÇAS/Evangelho das mães, 19/01/1950, p.72). Outro destaque recorrente encontrado nas publicações fala da responsabilidade feminina de zelar pelo bem-estar da família, mantendo a harmonia dentro do lar.

Um lar feliz onde reine a felicidade é tudo que uma mulher sonha. **A ela compete um dos principais papéis na harmonia do lar.** Ela é quem manobra o “seu pequeno mundo”, lidando com os filhos, cuidando do marido, preservando a saúde de todos. As tarefas árduas da casa a ela competem. **O esposo cuida de suas atribuições, fora de casa, trazendo o sustento e o conforto moral** (JORNAL DAS MOÇAS - Vida no lar, s d, p. 4, grifo nosso).

O perfil de “mulher ideal” é destacado no jornal que elenca certos comportamentos ditos como “específicos” do gênero feminino. Enfatizando o papel de submissão ao lar, filhos e esposo, demonstrando ainda a forte diferenciação feita entre os gêneros.

O homem procura a companheira que ponha ordem em sua vida doméstica; - a mulher deseja um homem que provenha o lar com as coisas necessárias para o seu sustento e a redima de sua condição de solteira, onde sua vontade era sobrepujada pela de seus pais, irmãos, opiniões públicas e pessoais [...] quando, diminuído pela rotina o romantismo do amor, a esposa pretende usufruir a liberdade que seu novo estado lhe concede (de solteira para casada) e consagra a passeios e visitas o tempo que deveria destinada às tarefas do lar. **Seu marido, que, certamente, buscou no casamento a solução de seu problema doméstico,** não tardará a sentir a falta das mãos da esposa na arrumação do lar. E, assim, surgem as primeiras discussões (JORNAL DAS MOÇAS – Bom dia senhorita, s/d. grifo nosso).

As “tarefas” de dona de casa e mãe são constantemente reforçadas como forma de imposição específica ao gênero feminino tais comportamentos e deveres, e responsabilizando a mulher pela manutenção da harmonia no lar.

Realização:



Apoio:



AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE AS TAREFAS DAS DONAS DE CASA SÃO AS SEGUINTE:

- preparar, pelo menos mentalmente, o programa de cada dia. [...]
- controlar as despesas.
- manter a casa em ordem.
- verificar os trabalhos escolares de seus filhos. [...]
- não receber visitas em horas impróprias. [...]
- cuidar sempre de seu aspecto pessoal.
- proporcionar momentos de descanso para seus filhos, seu esposo e para si (JORNAL DAS MOÇAS - Evangelho das mães, p.16, 24/8/1949. Grifo nosso).

Para Bassanezi (2005), o “Jornal das Moças tem uma visão bem específica de “felicidade matrimonial” (2005, p.119)”, pois coloca em suas publicações que a “felicidade no lar” é de total responsabilidade da mulher, onde o bem-estar do marido e filhos depende dela. E que sua felicidade como esposa será consequência de seus atos. Expressa em seus conteúdos uma noção de mulher submissa, dependente, frágil em relação ao gênero masculino.

As revistas defendem, neste aspecto da relação homem-mulher, um claro sentido de desigualdade de gênero, admitem e reforçam uma hierarquia de poderes na sociedade conjugal onde o polo dominante é o masculino (BASSANEZI, 2005, p. 118).

A noção de mulher presente no Jornal das Moças revela o forte conservadorismo do século XX em relação ao gênero feminino, em que o homem é visto como ser superior em relação à mulher, e ela é totalmente dependente dele. As formas de comportamento são diferentes para cada um, sendo ele livre para agir da forma que quiser, já ela, precisa ser recatada, dócil, submissa, sendo responsável pelo bem-estar do marido, filhos e do lar.

A MULHER DO SÉCULO XX E XXI

Para compreender a noção de mulher presente no século XX é importante observar que a maioria da organização familiar era baseada no patriarcado, onde o homem é considerado superior em relação à mulher, e as diferenças entre os gêneros, que são biológicas e naturais, serviam como pretexto para o homem

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



exercer um poder de dominação em relação ao sexo feminino e estabelecer diferenças culturais. Dessa forma, a sociedade (masculina) criou modelos estereotipados de comportamentos que passaram entre as gerações, estabeleceram então, uma diferenciação, uma separação de comportamentos específicos nas diferentes organizações sociais.

A ideologia dominante, que junto com a dominação de classes passava à dominação do sexo masculino sobre o feminino, vinha pela imprensa, pela escola, pela igreja, dissolvida nas instituições políticas e sociais. Na educação escolar os ideais de mulher submissa, obediente, recatada, prendada, certamente eram ensinados as jovens estudantes (LOURO, 1987, p. 30).

A partir do século XVIII, segundo Goldenberng e Toscano (1992), em âmbito mundial, a sociedade passou por grandes mudanças referentes à questão feminina, tais como, o direito da mulher ao voto, legislação trabalhista e a consolidação dessas leis referente ao trabalho da mulher. Organizações e associações de mulheres se consolidaram em muitas lutas no combate às diferenças impostas pela sociedade machista, que as considerava como o sexo frágil. O movimento feminista veio como principal veículo de propagação de direitos igualitários para as mulheres, fortalecendo-se aos poucos em todo o mundo, sendo o movimento de referência das lutas relacionadas à questão feminina.

Com o processo de industrialização e modernização da sociedade do século XIX, a mulher passou a ter uma visão diferente do meio onde estava inserida, a partir das relações estabelecidas no novo modelo social, ela se posicionou de forma a questionar seu papel na sociedade. As mulheres do século XIX “começavam a atuar nas fábricas e em alguns casos nos movimentos políticos operários. Não só o contexto brasileiro se alterava, mas o mundo globalmente, influenciado pelas transformações da sociedade” (LOURO, 1987, p. 14). Então, buscaram novas funções e papéis dentro dessa sociedade.

A noção de “mulher”, gradativamente, sofreu alterações com a busca e inserção de um novo lugar na sociedade. A mulher não aceitava mais essa inferiorização e desigualdade em relação ao sexo masculino, não queria mais ser rotulada de frágil, submissa, dependente, obediente, etc., uma vez que se

Realização:



Apoio:



compreendia como um ser possuidor dos mesmos direitos que o homem e que foi por muito tempo reprimida pela sociedade e, aceitou essa repressão.

Sendo assim, algumas mulheres que não aceitavam mais as situações que lhe eram impostas começaram a se organizar contras estas situações. Elas perceberam que não precisavam ser dependentes do homem, diante disso, começaram a exigir seus direitos e igualdade social e como resultado, organizaram movimentos que buscavam essa igualdade e o reconhecimento na sociedade.

Segundo Toscano e Goldenberg (1992), o movimento feminista na Europa em meio à “corrida industrial, a expressão mais evidente da expressão do capitalismo, e a Revolução Francesa, seu paradigma político, foram o caldo de cultura de onde brotou o feminismo” (TOSCANO; GOLDENBERNG, 1992, p. 17).

Já no Brasil, afirmam que “o feminismo, enquanto movimento organizado, aparece, entre nós, na segunda década do século XX” (TOSCANO; GOLDENBERNG, 1992, p. 25). Esses movimentos e suas lutas tiveram grande importância nas conquistas garantidas pelas mulheres na sociedade, e ajudaram no fortalecimento do movimento feminista.

Para Scott (2005), “o feminismo foi um protesto contra a exclusão das mulheres da política; seu objetivo foi o de eliminar a diferença sexual na política” (SCOTT, 2005, p.21). A luta pelo voto e sua atuação em favor do gênero feminino, fez com que o movimento aflorasse ainda mais a diferenciação entre os gêneros, pois as feministas eram vistas como inimigas dos homens, a sociedade não compreendia o motivo real de sua luta, assim, a busca pela igualdade foi vista como afronta aos padrões, maridos e sociedade como um todo.

Na busca pela liberdade, Beauvoir (2008), destaca que a independência da mulher a partir do trabalho possibilitou um fortalecimento no meio de suas lutas por direitos e igualdades:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser um parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino (BEAUVOIR, 2008, p. 47).

Realização:



Apoio:



No entanto, mesmo inserida no mercado de trabalho e mais atuante na sociedade, as condições continuavam desiguais e desproporcionais para a mulher em relação ao homem faziam dela um ser inferior em questões de igualdades e direitos, “a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram” (BEAUVOIR, 2008, p. 48). Sendo assim, infelizmente “a mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica ao homem” (BEAUVOIR, 2008, p. 50).

Ressaltamos que a mulher desde o seu nascimento é exposta a situações que reforçam o desenvolvimento de uma identidade feminina padrão pela proximidade com a mãe, a forma de educação em casa, na religião, na escola e no meio social. Nas brincadeiras infantis, os papéis sociais estabelecidos geralmente são uma “prévia” da mulher na vida adulta, como exemplo, brincar de casinha (cozinhar, lavar louça, ser a mamãe da boneca, cuidar da casa), dentre outras brincadeiras que reforçam um comportamento pré-estabelecido da mulher, mãe e dona de casa na vida feminina.

Na educação escolar, destacamos algumas práticas que ensinam a “ ser mulher” e que estabelecem diferenciações entre os gêneros como: brincadeiras e brinquedos, cores, comportamentos, ditos especificamente como sendo “coisa de menino, ou coisa de menina”. Frases como: “você não deve se comportar assim, isso é coisa de menino (a)”, “rosa é cor de menina” ou “jogar futebol é coisa de menino” são muito comuns nos ambientes escolares e reforçam tais diferenças, como se certos comportamentos fossem estabelecidos a partir do gênero, e assim, um não pode fazer o que seria do outro.

Em contraponto, o homem sempre teve papel de destaque, como figura de suma importância na vida mulher, não só como companheiro, mas como proprietário, provedor, superior, considerado indispensável para a vida feminina. A forma de educar o menino ocorreu e, ainda ocorre, de forma diferenciada em relação a da menina, haja vista que ele sempre teve mais liberdade em relação ao seu comportamento, brincadeiras, modo de vestir, dentre outros, que lhe permitiam e permitem uma condição de superioridade, autonomia e liberdade em relação à da

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



menina. Sendo assim, a sociedade sempre reforçou a fragilidade e submissão da mulher, ressaltando a supremacia da figura masculina.

Dentre os movimentos que apoiavam as mulheres, o movimento feminista foi o de maior importância histórica, uma vez que possibilitou lutas em relação ao direito ao voto, mudanças nas organizações políticas e nas legislações, direitos trabalhistas e salários melhores, enfatizou a capacidade intelectual da mulher, incentivou a preocupação com a saúde, entre outros, que tiveram grande contribuição para a inserção da mulher como “ser social” no mundo em que vivia. Nesse meio surgiram muitos movimentos, centros de estudos, convenções, congressos e outros, que tratavam de assuntos especificamente femininos.

Mesmo com muitas conquistas ao longo das décadas em todas as esferas da sociedade, a mulher continua sua luta constante para mantê-las e avançar em muitas outras. No lar, no trabalho e na sociedade, ela ainda precisa reforçar constantemente que pode ser independente do homem, e que não está em posição de inferioridade. Dentro de casa ela precisa ainda lidar com a maior parte da responsabilidade dos filhos e das filhas e afazeres domésticos; no trabalho precisa lutar por salários melhores e maior valorização; na sociedade precisa lutar contra os vários tipos de violência, falta de reconhecimento e situações desiguais.

Podemos dizer que a sociedade evoluiu muito em relação à igualdade entre os gêneros do século XX para com o XXI, no entanto, a mulher ainda sofre vários tipos de preconceitos e diversas formas de violências como a psicológica, a física, a sexual, por muitos não aceitarem a mulher “moderna” que é cada vez mais independente e autônoma. Vários fatores influenciam essa forma de pensamento: a educação, a religião, a cultura (ou tradições), o trabalho, família, dentre outros, que reforçam as diferenças entre os gêneros, não compreendendo que ambos possuem os mesmos direitos.

Existem diferenças biológicas entre homens e mulheres, no entanto, no sentido social, as diferenças foram construídas a partir da criação de padrões estereotipados para ambos os gêneros. A grande problemática dessa expectativa social de comportamento é a “suposta inferioridade” feminina em detrimento da superioridade masculina, haja vista que a categoria gênero é compreendida sempre como relacional. Se o gênero é uma construção social, sua noção é passível de

Realização:



Apoio:



mudanças, e isso vem ocorrendo com a força motriz das lutas históricas travadas pelas mulheres organizadas ou em seus cotidianos, a nova “noção de mulher” traz à tona problematização de modelos patriarcais.

AS QUESTÕES DE GÊNERO

A história feminina percorreu uma longa trajetória marcada pela diferenciação entre os gêneros, reforçada a partir dos contextos em que a sociedade estava inserida nos diferentes períodos históricos. Como foi citado anteriormente, após o processo de industrialização a sociedade tomou novos rumos, quando a noção de gênero começou a ser usada.

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. **O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais”— a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres** (SOIHET, 1997, p. 404, grifo nosso).

A visão sobre o papel da mulher na sociedade começou a despertar inúmeros estudos e discussões, bem como, as formas de relações familiares, conforme aponta SOIHET (1997), citando Gilberto Freire nesse sentido. Ela enfatiza que os “debates se estabeleceram sobre as repercussões do processo de industrialização, urbanização e modernização na estrutura familiar” (SOIHET, 1997, p. 419). E afirma que as mudanças ocorridas na família dita como tradicional resultou do processo industrial, que foi responsável também pela mudança entre as relações matrimoniais causando mais igualdade entre os gêneros pela inserção feminina no processo produtivo.

Segundo Bassanezi (2005), ao analisar o papel das revistas femininas no período entre 1945-1964 e o ideal de mulher apresentado em seus conteúdos, mostra como eles reforçavam a intensidade como a discriminação de gênero se manifestavam nesse meio, mas onde também o desenvolvimento econômico trouxe modificações importantes que refletiram no papel feminino dentro dessa sociedade.

Realização:



Apoio:



Nesse sentido, no século XX observamos que um dos fatores importantes para o processo de “libertação feminina” do modelo de família tradicional e da mudança de posição dentro da sociedade foi o desenvolvimento capitalista, que, a partir da organização social, da herança cultural, da religião, do mercado de trabalho e dos processos educativos possibilitou à mulher novas formas de olhar para esse modelo social que se iniciava.

Segundo Almeida (2006), “embora o movimento feminista dos anos de 1960 e 1970 do século XX tenha tentado derrubar as barreiras de desigualdade de natureza biológica” (ALMEIDA, 2006, p. 96), o imaginário social tenta estabelecer a diferenciação dos papéis sexuais para cada gênero, predeterminando comportamentos que induzem uma estereotipia sexual.

Para Ameno (2000), a identidade social dos sujeitos se dá a partir do processo educativo, quando começam a encaixá-los dentro de padrões que são pré-estabelecidos para cada sexo, impondo papéis sociais que direcionam as formas de comportamento masculino e feminino.

Assim, surgiram características e comportamentos específicos ao gênero feminino, que no século XX eram chamados de virtudes femininas, tais como doçura, passividade, submissão. No século XXI, com a participação efetiva na vida social e econômica, surge uma mulher com novas virtudes, sendo independente, forte, decidida. Não no sentido de buscar superioridade em relação ao homem, mas na luta pela igualdade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a maioria das mulheres não usufrui de uma posição igualitária dentro da sociedade no século XX, bem como em períodos anteriores. Nossa vida foi marcada por imposições da sociedade dominada pela supremacia do gênero masculino, baseados no conservadorismo e no patriarcado. Com o processo de industrialização e expansão do capitalismo, fomos inseridas no mercado de trabalho, mas não de forma igualitária em relação aos homens, pois ainda somos rotuladas como o “sexo frágil”. Na vida social e conjugal fomos e, muitas vezes, ainda somos consideradas como dependentes do homem e responsáveis pelo bem

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



estar da família e do lar e, por conta desses papéis, temos comportamentos específicos para seguir.

As revistas destinadas ao público feminino do século XX ajudavam a reforçar o pensamento conservador em relação à mulher. Apresentavam em seus conteúdos dicas de comportamento, como se fossem regras de sociabilidade, enfatizando modos de como ser boa mãe e esposa, destacando a submissão ao homem e atribuindo toda a responsabilidade do sucesso ou insucesso do casamento e da harmonia do lar sobre à mulher. Todo comportamento que fugia a tais padrões era visto como afronta ao homem e à sociedade, também eram usados como forma de reprimir as mulheres.

As mulheres por compreenderem que possuíam direitos iguais aos homens, começaram a exigí-los, organizando-se e buscando meios de se inserir de forma mais igualitária e participativa na sociedade. E, mesmo sob muita repressão, conquistaram diversos avanços a partir de meados do século XX e início do século XXI, que se estendem até a atualidade.

A posição das mulheres na sociedade contemporânea ainda não é igualitária ao dos homens, mesmo que digam que somos mais independentes e livres, precisamos reforçar recorrentemente que somos possuidoras dos mesmos direitos que o homem, e que a diferença biológica não nos faz inferior a eles. Ainda há muito preconceito em diferentes meios sociais, sofremos diversas formas de discriminação e violência (que aumentam a cada dia), haja vista que pensamentos conservadores são transmitidos de geração para geração por meio de tradições e culturas.

Reafirmar os direitos da mulher na sociedade atual e exigir a igualdade entre os gêneros, não é estabelecer uma disputa ou rivalidade entre homens e mulheres, mas sim, proporcionar uma sociedade mais justa e humana, onde todos possam participar ativamente em todos os âmbitos sociais, sem discriminação, repressão ou violência, eliminando todos os meios que propagam a diferenciação entre os gêneros.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na educação: missão, vocação e destino?**. In: O legado educacional do século XX no Brasil / Demerval Saviani; Jane S. de Almeida; Rosa F. de Souza; Vera T. Valdamarin. – 2º ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 59 – 108. (Coleção Educação Contemporânea)

AMENO, Agenita. **A identidade dos sexos**. In: A função social dos amantes. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.53-60

BASSANEZI, Carla. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu, n. 1, p. 112-148, 2005. Disponível em: ><http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>> Acesso em: 05 nov. 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**; tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

JORNAL DAS MOÇAS. In: Hemeroteca Digital Brasileira – **Biblioteca Nacional Digital Brasil/Jornal das Moças digitalizado**. Disponível em: ><http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 05 abr. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres**. Ed. da Universidade, UFRGS,1987.

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. **Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/20637/12917>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

_____. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia**. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, nº 15, p. 74-82, ago. 2001.

PRIORE, Mary Del. **A “velha igualdade” e a “nova identidade”**. In: Jogos de gênero: discursos, representações e identidades – História em foco. Historien: Revista Universitária Eletrônica. Petrolina. Edição temática. nº2. Ano I. Jan./ Mar. 2010. p. 9-24.

SCOTT, Joan W.; KLANOVICZ, Jó; FUNCK, Susana Bornéo. **O enigma da igualdade**. Estudos feministas. Florianópolis – SC. 2005. p. 11-30. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2005000100002/7778>> Acesso em 01 nov. 2016.

Realização:



Apoio:





SECAD/MEC, Secretaria de educação, alfabetização e diversidade do Ministério de Educação. Cadernos SECAD 4. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília – DF, maio 2007.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa da. **O jornal das moças: uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas**. Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel, n. 3, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013/2594>> Acesso em: 20 maio 2016.

SOIHET, Rachel. **História das mulheres**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 399 – 429.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

THE NOTION OF WOMEM VIA THE PRESS: AM ANALYSIS BASED ON THE PUBLICATIONS OF “JORNAL DAS MOÇAS”

ABSTRACT: The current article has by objective understand the notion of gender and feminine imaginary of the 20th century, from analyzes realized in the publications present in “Jornal das Moças”, observing so, the permanence and change between the 20th and 21st centuries, based on readings of male authors and female authors that study the thematic. Highlighting that the magazines of 20th century influenced the maintenance of stereotyped behaviors, ratifying the separation among the genders and reincorcingthe female roles like mother, wife and lady in the society. In the transition between the 20th and 21st centuries, the woman faced many conflicts to achieve the social equality, got herself insert in the job market, in the politics, conquered more liberty in the relationships, among others. However, many women still in disproportionate situation about the men in the atual society. We don't disregard the advances between the genders, but part of the society remains grounded in the conservatism and patriarchy of 20th century, that hind the relations and perpetuate the inequalities.

Key words: Gender; Jornal das Moças; Woman; Imaginary.

Realização:

Apoio:

